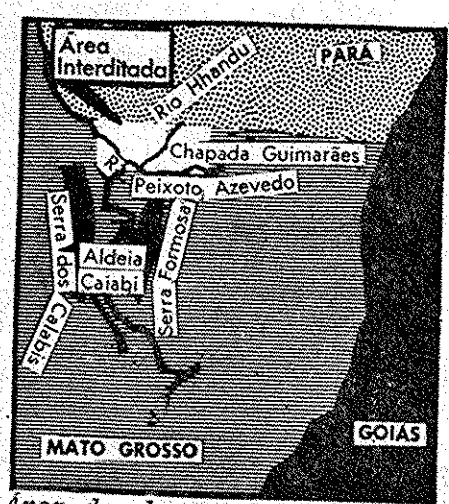


Médici delimita e interdita a área dos índios kreen-akarores

B-10/3/73

Brasília (Sucursal) — O Presidente da República baixou ato ontem delimitando e interditando temporariamente uma área de 8 mil quilômetros quadrados habitada pelos kreen-akarores, nas proximidades da divisa do Pará e Mato Grosso para facilitar os trabalhos de atração.

De acordo com a legislação em vigor, a Fundação Nacional do Índio poderá requisitar a cooperação da Polícia Federal para que sejam impedidos o ingresso, o trânsito e a permanência de pessoas ou grupos na região.



Área dos kreen-akarores é sete vezes maior que o Estado da Guanabara

Íntegra

Na íntegra é o seguinte o decreto do Presidente:

Art. 1.º — Fica interditada, temporariamente, a área indígena habitada pelos kreen-akarores, no Município de Chapada dos Guimarães, com a seguinte delimitação: **Norte:** — partindo da intersecção do rio Nhandu com a divisa do Estado de Mato Grosso e Pará, segue por esta divisa rumo Leste até encontrar a margem direita do rio Braço Norte; **Leste:** — deste ponto desce o rio Braço Norte, até a confluência deste rio com o rio Peixoto de Azevedo; **Sul:** — desta confluência, segue em direção Oeste, pela margem direita do rio Peixoto de Azevedo até à sua confluência com o rio Teles Pires; **Oeste:** — dessa confluência pela margem direita do rio Teles Pires, segue rumo Norte até a foz do rio Nhandu; daí, sobe a montante pela margem esquerda do rio Nhandu até a sua intersecção com a divisa dos Estados de Mato Grosso e Pará, ponto de partida.

Parágrafo único — A interdição de que trata este artigo tem por finalidade criar condições para que a Fundação Nacional do Índio, a salvo de qualquer tipo de ingerência, promova a atração do grupo indígena kreen-akarores (macrojê).

Art. 2.º — Fica facultado à Fundação Nacional do Índio, no exercício do poder de polícia conferido pelo Artigo 1.º, item VII, da Lei n.º 5371, de 5 de dezembro de 1967, requisitar a cooperação da Polícia Federal, no sentido de que sejam impedidos ou restringidos o ingresso, o trânsito e a permanência de pessoas ou grupos, cujas atividades sejam julgadas nocivas ou inconvenientes ao processo de atração e assistência aos índios, na área ora interditada.

Art. 3.º — Extintos os motivos determinantes da presente interdição, a Fundação Nacional do Índio proporá ao Ministério do Interior a criação da reserva indígena destinada ao habitat definitivo dos kreen-akarores.

Art. 4.º — O presente decreto terá vigência até a criação da reserva indígena de que trata o Artigo anterior.

Art. 5.º — Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Tribo se salva, acha Vilas Boas

São Paulo (Sucursal) — Ao tomar conhecimento da notícia da assinatura do decreto presidencial que interdita a área onde vivem os índios kreen-akarores, em Mato Grosso, o sertanista Orlando Vilas Boas afirmou ao JORNAL DO BRASIL que uma medida como essa vem colocar a salvo esses índios de precisar, daqui a algumas dezenas de anos, repetir o que estão fazendo hoje os sioux-oglalalas, na América do Norte, que têm de recorrer às armas para garantir o que lhes pertence.

Orlando Vilas Boas, satisfeito com a medida presidencial, acrescentou que o decreto, agora, dá à Fundação Nacional do Índio poderes ilimitados para policiar e preservar a área dos recém-contatados kreen-akarores defendendo-os da perigosa ameaça trazida pela presença do intruso. "Ameaça essa — salientou o sertanista — que atenta violentamente contra a integridade física, cultural e até mesmo moral de um povo absolutamente primitivo."

Ato louvável

Orlando Vilas Boas disse também que o decreto assinado ontem pelo Presidente da República é uma medida ansiosamente pleiteada pela Funai, no sentido de atender unicamente aos interesses dos índios.

— É preciso — asseverou — que se impeçam as invasões que de uma hora para outra colocariam em risco o patrimônio indígena. Patrimônio territorial e, essencialmente, a sua integridade física, ameaçada pelos contatos indiscriminados e abruptos por parte de elementos das frentes pioneiras.

— Dessa forma — salientou ainda o velho sertanista — ficam resguardados, sob a proteção da Funai, os kreen-akarores das desastrosas consequências verificadas em outras frentes de atração.

Referindo-se aos xavantes, atualmente em estado de beligerância em Mato Grosso, diante da intransigência de fazendeiros em se retirarem dos territórios indígenas, já assegurados por decreto, Orlando Vilas Boas é taxativo:

— Se medidas como essa, como no caso kreen-akarores, tivessem sido tomadas durante e após a atração dos xavantes, não teríamos diante de nós, hoje, uma nação imensa reduzida a um terço, implorando o direito sobre terras que são suas e tendo que pegar em armas para expulsar os invasores, sempre na iminência de um conflito onde, invariavelmente, é sempre o índio quem tem levado desvantagem.

Orlando lembra também que o caso xavante é semelhante ao dos sioux-oglalalas norte-americanos:

— É preciso não esquecer que os xavantes, em pouco mais de 20 anos de contato com o civilizado, estão repetindo o que seus irmãos da América do Norte vêm fazendo a quase 100. Não deixa de ser desalentador. De qualquer forma, repito, é mais que louvável, em todos os sentidos imagináveis a execução desse decreto garantindo aos kreen-akarores a sua terra.

Acredito, finalmente, que, garantido o seu patrimônio cultural e territorial, o destino desses índios, que ainda continuam a se confraternizar com meu irmão Cláudio, no rio Peixoto de Azevedo, seja, realmente, o destino que uma grande nação merece: a de sobreviver em absoluta liberdade.

A última raça pura do Brasil

Cabelos aparados à altura das orelhas, nus e com os corpos atléticos pintados de preto, os kreen-akarores mantiveram contato pela primeira vez com um grupo de sertanistas da Funai a 4 de janeiro deste ano.

Após mais de 380 dias, a missão que partira do Parque Nacional do Xingu para o vale do rio Peixoto Azevedo, na selva amazônica, atingia o seu objetivo. Vivendo isolados no extremo Norte de Mato Grosso, o primeiro contato dos indígenas com os sertanistas limitou-se a uma troca de gestos amistosos e de presentes coloridos.

O idioma falado pelos kreen-akarores — que os membros da expedição supunham semelhante aos dos txukarramãe, contatados há quase 20 anos — revelou-se incompreensível, à exceção do vocábulo ororó, do grupo linguístico tupi e com o mesmo significado: eu vou embora. Mas, como todos os índios, os kreen-akarores mostraram-se joviais, aceitando de bom grado os abraços, os beliscões na barriga e os colares de contas.

Era uma reação natural e espontânea, apesar de os kreen-akarores serem considerados a última civilização primitiva do Brasil e talvez do mundo. É justamente por isso que Cláudio Vilas-Boas revelou seu ceticismo em relação ao futuro do grupo indígena recém-contatado, temendo que a sua cultura e os seus hábitos e costumes pudessem sofrer desvirtuamentos, caso o Governo federal não adotasse medidas protetoras.

— Quando deixei o posto Leonardo Vilas Boas, no Parque do Xingu, em janeiro de 1972, parti

com o propósito de contatar e pacificar os chamados índios gigantes, para que eles não entrassem em conflito com os responsáveis pela abertura da Rodovia Cuiabá-Santarém — contou Cláudio Vilas Boas.

A medida que foi conhecendo os hábitos e costumes dos kreen-akarores, o sertanista percebeu que os índios eram uma das últimas raças puras do mundo e que o seu trabalho, indiretamente, poderia implicar em prejuízos a longo prazo para os indígenas, porque "ninguém consegue manter-se autêntico em contato com o civilizado." Segundo Cláudio, os kreen-akarores "deviam ficar isolados em suas terras, onde são fortes e felizes; nunca em locais onde naturalmente se sentirão prisioneiros."

Depois do primeiro contato, Cláudio e seu irmão Orlando Vilas Boas, além de todos os participantes da missão, mostraram-se preocupados, pois já sabiam por uma experiência de anos que dificilmente será adotado um procedimento que encare os índios como um povo à parte, do qual se deve respeitar os valores, as propriedades e os conceitos que fazem do universo e das pessoas. Orlando Vilas Boas comentou:

— Hoje, e desde muito tempo, a mania é ir espalhando fazendas, plantando capim onde antes havia arvóres. Que colonização é essa, que põe um vaqueiro e seu cavalo a dominar léguas e léguas? Querem colocar nesse interior milhares e milhares de cabeças de gado. Muito bem. Mas, e o ser humano? O índio, para onde vai? Será esmagado, sem dúvida.